

O medo de esquecer: Memória e História nos contos de João Guimarães Rosa

Amanda Teixeira da Silva *

RESUMO: O objetivo deste artigo é pensar sobre a importância que a memória e o passado assumem nos contos de João Guimarães Rosa. Serão investigadas as diferenças e semelhanças entre a história construída pelos historiadores e aquela narrada pelos homens comuns, cujo saber muitas vezes se distancia do conhecimento propriamente historiográfico. Os contos de Rosa apresentam indícios de uma “necessidade de memória” comum tanto a historiadores quanto a leigos, por isso através deles são analisados elementos essenciais do trabalho do historiador, tais como as concepções de presente e passado, a narrativa, o testemunho e a memória, percebendo de que maneira estes elementos se configuram tanto em nosso ofício quanto no cotidiano dos não-historiadores.

Palavras-chave: Guimarães Rosa, História e Literatura, Teoria da História

ABSTRACT: The objective of this article is to think on the importance that the memory and the past assume in João Guimarães Rosa stories. The differences and likeness will be investigated among the history built by the historians and the narrated by the common men, whose a lot of times goes away properly of the historiographical knowledge. Rosa's stories present indications of a " need of common memory ". Through them essential elements of the historian's work, will be analyzed the conceptions of present and past, the narrative, the testimony and the memory, noticing how these elements are configured so much in our occupation as in the daily of the no-historians.

Keywords: Guimarães Rosa, History and Literature, Theory of History

O objetivo deste artigo é pensar sobre a importância que a memória e o passado assumem nos contos de João Guimarães Rosa. Pretendo refletir sobre este aspecto levando em conta o caráter ficcional da obra do autor, mas acreditando também na possibilidade de perscrutar elementos da realidade através dos textos ficcionais. Desejo investigar as diferenças e semelhanças entre a história construída pelos historiadores e aquela narrada pelos homens comuns, cujo saber muitas vezes está distanciado do conhecimento propriamente historiográfico. Pretendo abordar o conceito de “Cultura Histórica” desenvolvido por Jacques Le Goff, que defende a existência da experiência histórica mesmo em contextos aparentemente distantes da historiografia.

* Graduada em História pela URCA (Universidade Regional do Cariri), mestranda em História pela UFPB (Universidade Federal da Paraíba), bolsista CAPES/REUNI.

Este trabalho nasce da necessidade de pensar sobre a forma como o passado age sobre a vida do homem comum, muitas vezes destituído de saber historiográfico, mas possuidor de vivências impregnadas de história. Entendo como “homem comum” aquele que integra “etnias, grupos, famílias, com forte bagagem de memória e fraca bagagem histórica” (NORA, 1993: 8). Segundo Walter Benjamin, “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele foi efetivamente’. É muito mais apropriar-se de uma recordação que brilha num momento de perigo” (BENJAMIN, 1992: 160). Defendo que este apropriar-se de uma recordação, esta “vontade de memória” não é característica específica dos historiadores.

Acreditando que as narrativas ficcionais podem auxiliar na compreensão do sentido de historicidade intrínseco à vida humana, pretendo estudar as diversas concepções de tempo e as formas como o passado e a memória interferem no cotidiano dos personagens de João Guimarães Rosa. Compreendo que a realidade pode ser algumas vezes refletida na ficção e, assim, é legítimo refletirmos sobre a ficção com o objetivo de analisar aspectos da realidade.

Minha escolha da literatura como instrumento para este estudo se faz com base numa perspectiva que trata as expressões culturais e artísticas não apenas como fontes que legitimam saberes historiográficos já apoiados por documentos tradicionais. A proposta é utilizar a literatura como meio de pensar sobre a relação do homem com o tempo, a memória e a história e, conseqüentemente, desenvolver uma análise essencialmente teórica sobre o próprio ofício do historiador.

Parto do princípio de que “a história da história não deve se preocupar apenas com a produção histórica profissional, mas com todo um conjunto de fenômenos que constituem a cultura histórica” e de que o “estudo da literatura e da arte pode esclarecer este ponto” (LE GOFF, 2003: 48) e é por isso que opto pela análise das “estórias”¹ de João Guimarães Rosa como meio de pensar sobre as relações que os indivíduos mantêm com a memória.

Em meu trabalho almejo versar sobre uma história onde o objeto é “este sentido difuso do passado, que reconhece nas produções do imaginário uma das principais expressões da realidade, notadamente de sua maneira de reagir perante o passado” (LE GOFF, 2003: 49). Embora Le Goff afirme que “esta história indireta não é a história dos historiadores, a única que tem vocação científica” (Idem: *ibidem*), penso que é essencial a existência de historiadores que se interessem pela matéria de seu ofício, o tempo.

Acredito, como Le Goff, que a concepção de “historicidade permite a inclusão, no campo da ciência histórica, de novos objetos da história” (Idem: 20). Em minha perspectiva,

¹ A estória, segundo Guimarães Rosa, não pretende ser história. Deve ser, inclusive, contra a História. Tem como objetivo assemelhar-se à anedota.

é importante que a história se empenhe em “emboscar em si mesma o que não é ela própria” (NORA, 1993: 10). Para tanto, é importante compreender que memória e história não são uma coisa só, mas possuem semelhanças e interpenetrações, pois “a historiografia nasce para combater o esquecimento” (Heródoto apud CATROGA, 2001: 54) e “a escrita da História provoca, a partir de traços, *re-presentações* que visam conhecer algo do que se sabe já não existir” (CATROGA, 2001: 55). Por conseguinte, tanto a história quanto a memória falam de objetos ausentes. Além disso,

tanto a recordação como a historiografia constroem re-presentificações a partir da interrogação de indícios e traços; e, fazem-no dentro de uma experiência de tempo que é indissociável da memória e das expectativas. O que implica a existência, em ambas, do mesmo intento de ordenar (retrospectivamente) o caos dos acontecimentos. (CATROGA, 2001: 57).

Pensando nessas aproximações, desejo levar adiante um estudo que não se prenda somente ao ofício do historiador, mas pense também no modo como construímos, em nosso cotidiano, memórias e representações sobre o passado, como acontece com os personagens rosianos. A análise da literatura para abordar este ponto talvez possa se mostrar também como elemento rico na própria prática do ensino de história, que poderia utilizar elementos artísticos de outras disciplinas para refletir sobre as dimensões mais teóricas e conceituais da História, possibilitando aos alunos a percepção de que existe história onde menos se espera encontrá-la.

Para a efetivação desta pesquisa, usarei o conceito de “cultura histórica” empregado por Le Goff em “História e Memória”. Trabalharei também com os conceitos de “lugares de memória”, de Pierre Nora e com a análise sobre o papel do narrador empreendida por Walter Benjamin.

Defendo, como Le Goff, que a “cultura (ou mentalidade) histórica não depende apenas das relações memória-história, presente-passado. A história é a ciência do tempo. Está estritamente ligada às diferentes concepções de tempo que existem numa sociedade e é um elemento essencial da aparelhagem mental de seus historiadores” (LE GOFF, 2003: 52). Assim, levo em conta as percepções sobre o tempo constituintes dos contos presentes nos livros “Primeiras Estórias”, “Tutaméia – Terceiras Estórias” e “Estas Estórias” e desejo analisar como os personagens das “estórias” lidam com essas diversas temporalidades.

Quando trata da mentalidade histórica, Le Goff defende que o que interessa é “o lugar que o passado ocupa nas sociedades”, ou seja, “a relação que uma sociedade, na sua psicologia coletiva, mantém com o passado” (Idem: 47-48). É meu objetivo perceber este

lugar ocupado pelo tempo através das narrativas onde estão envolvidos os personagens das “estórias”.

Enquanto o historiador pretende escrever sobre a história que outros viveram, o narrador fala de uma história vivida por ele ou incorporada de tal forma à sua vida como se ele mesmo a tivesse vivido. Não falo aqui de uma memória compartilhada que vem do exterior e é interiorizada como uma obrigação, mas da memória que é uma prática social, que não é “memória arquivo”, “memória dever” ou “memória-distância”, mas continuidade retrospectiva; memória que consiste em considerar que o passado não é verdadeiramente passado (NORA, 1993: 18). Creio que os narradores de Rosa são expoentes de um culto da continuidade, da certeza de saber a quem e ao que devemos o que somos. Eles procuram uma história na continuidade de uma memória. Sua percepção do passado se apóia na suspeita de que ele não é verdadeiramente passado, se amparando numa idéia semelhante à de Octavio Paz, onde “o que passou efetivamente passou, mas há alguma coisa que não passa, alguma coisa que passa sem passar completamente, perpétuo presente em rotação” (PAZ, 1984: 239).

Meu objeto de pesquisa se constitui, assim, de contos onde se pode verificar a existência da “memória verdadeira”, citada por Pierre Nora, que é diferente da memória transformada em saber histórico (NORA, 1993: 14). Os textos rosianos entranhados de história me levam a defender, como Ginzburg, que “todo texto inclui elementos incontrolados. Isso também vale para os textos literários que pretendem se constituir numa realidade autônoma” (GINZBURG, 2007: 11). Neste sentido, a representação do passado nas narrativas se apresenta como campo fértil para a pesquisa, pois demonstra a existência de uma memória vivida, interior, que não depende somente “de suportes exteriores e de referências tangíveis” (NORA, 1993: 14).

Para Le Goff, a “noção de sentido da história pode decompor-se em três tipos de explicação: a crença em grandes movimentos cíclicos, a idéia de um fim da história constituindo na perfeição deste mundo, a teoria de um fim da história situado fora dela.” (LE GOFF, 2003: 42). Em meu estudo darei atenção especial à crença em movimentos cíclicos, que parece ser constante na obra rosiana. Aparentemente, para os personagens de Rosa, “o passado reaparece porque é um presente oculto” (PAZ, 1984: 239).

Em “Páramo”, o narrador afirma: “sei, irmãos, que todos já existimos, antes, neste ou em diferentes lugares” (ROSA, 1985: 219). É importante salientar que essa crença integra o caráter místico da obra do autor, o que não deixa de ser, segundo Walter Benjamin, uma “característica que tem a ver com a própria natureza do narrador” (BENJAMIN, 1992: 54). Investigo essa concepção temporal, pois corroboro com o autor de “História e Memória”

quando lembra “aos historiadores que sua propensão para não considerar senão um tempo histórico ‘cronológico’ deveria dar lugar a mais inquietações, se tivessem em conta interrogações filosóficas sobre o tempo” (LE GOFF, 2003: 52).

É importante, ainda, aproximar os personagens de Guimarães Rosa à figura do narrador analisada por Walter Benjamin. O teórico alemão afirma que o agricultor sedentário e o mercador dos mares são arquétipos de sujeitos que possuem a essência da narrativa e que “cada um desses modos de vida produziu, em certa medida, a sua própria estirpe de narradores. Cada uma delas conserva ainda, séculos mais tarde, as suas características próprias” (BENJAMIN, 1992: 29).

Rosa, em seus contos, enfoca amiúde a figura do vaqueiro, do homem sertanejo que trabalha utilizando as próprias mãos como instrumento. Para Benjamin, o “grande narrador tem sempre as suas raízes no povo, principalmente no estrato dos trabalhadores manuais” (BENJAMIN, 1992: 48). Acredito que as narrativas do boiadeiro freqüentemente retratado por Rosa “tem gravadas as marcas do narrador, tal como o barro traz as marcas da mão do oleiro que o modelou” (BENJAMIN, 1992: 37). Constantemente percebemos nos narradores rosianos a premente necessidade de guardar as memórias ou de trazê-las à tona. Um deles chega a afirmar: “de nada me lembro, no profundo passado, estou morto, morto, morto” (ROSA, 1985: 237). A dor da perda da memória, para o personagem, pode ser comparada à morte. E não seria a perda da memória (e, portanto, da identidade) efetivamente uma espécie de morte?

Não pretendo equiparar a figura do narrador à do historiador, mas pensar sobre o narrador como homem comum, que traça com o ouvinte uma relação “dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado” (BENJAMIN, 1992: 43); sem deixar de levar em conta que talvez este interesse seja bastante semelhante ao do historiador, embora em nosso ofício sejamos obrigados “a explicar, de uma forma ou outra, os acontecimentos” aos quais nos referimos, não podendo nos limitar a apresentá-los como “modelos do devir do mundo” (BENJAMIN, 1992: 42). No conto “Se eu seria personagem”, o narrador corrobora com os historiadores. Para ele, “o tempo é que é a matéria do entendimento” (ROSA, 2001: 201). Já em “Retábulo de São Nunca”, “quem não entende, narra” (ROSA, 1985: 246).

Desejo enxergar, especialmente, a dimensão que a memória assume para os personagens e narradores de Rosa, lembrando sempre das diferenças entre memória e história. Para Nora, ambas não são sinônimos, mas se opõem:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento (...). A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas (...). A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. (NORA, 1993: 9)

Pretendo, a partir de uma perspectiva onde dialogam a História e a Literatura, tratar de elementos essenciais (e, no entanto, por vezes negligenciados) do trabalho do historiador. Pois – vale lembrar - “a necessidade de memória é uma necessidade da história” (NORA, 1993: 14).

Embora o autor tenha escrito também poemas, novelas e um romance, optei por trabalhar com os contos, pois eles possuem um caráter mais dinâmico. São curtos e podem ser guardados na lembrança e recontados por quem os lê ou ouve, como acontece com as anedotas dos narradores que são amparados apenas pela transmissão oral da memória e do conhecimento. Walter Benjamin afirma que o conto é “ainda hoje, o primeiro conselheiro das crianças porque o foi outrora da humanidade, vive ainda secretamente na narrativa. O primeiro verdadeiro narrador é e continua a ser o do conto” (BENJAMIN, 1992; 49).

No conto “A Benfazeja”, por exemplo, o narrador se preocupa em mostrar o outro lado da vida de uma mulher execrada pela sociedade e convoca todos a perceberem as sutilezas dos eventos que macularam a imagem da moça. Por fim, deixa uma missão àqueles que escutaram sua versão da história: “nunca se esqueçam, tomem na lembrança, narrem a seus filhos, havidos ou vindouros, o que vocês viram com esses seus olhos terríveis, e não souberam impedir, nem compreender, nem agradecer” (ROSA, 2005: 170). A partir daqui podemos inferir que o autor acredita na existência de fatos históricos construídos por aqueles que narram a história e que estes fatos não necessariamente correspondem ao acontecido. Podemos também asseverar que este personagem concorda com Walter Benjamin, que declara: “narrar histórias é sempre a arte de as voltar a contar e essa arte perder-se-á se não se conservarem as histórias (BENJAMIN: 1992: 36).

O protagonista do conto “Nenhum, nenhuma” sofre constantemente com o esquecimento e enxerga como vital a necessidade de retomar o passado, afirmando: “tenho de me lembrar. O passado é que veio a mim, como uma nuvem, vem para ser reconhecido: apenas, não estou sabendo decifrá-lo” (ROSA, 2005: 96). Essa angústia inerente à incapacidade de decifrar a totalidade do passado não extingue a consciência de que por vezes

a memória pode enganar, transformando o passado vivido na imagem do passado – que pode, por sua vez, estar repleta de atos distintos da experiência concreta:

Na própria precisão com que outras passagens lembradas se oferecem, de entre impressões confusas, talvez se agite a maligna astúcia da porção escura de nós mesmos, que tenta incompreensivelmente enganar-nos, ou, pelo menos, retardar que perscrutemos qualquer verdade. (ROSA, 2005: 94)

Contudo, existe a esperança da recordação, que dá sentido à existência na medida em que liga o que somos ao que fomos: “Se eu conseguir recordar, ganharei calma, se conseguisse religar-me: adivinhar o verdadeiro e real, já havido” (ROSA, 2005: 94). Essa busca se torna mais intensa na medida em que se compreende que “reperdida a lembrança, a representação de tudo se desordena”. Por isso, “luta-se com a memória” (Idem: 99).

Este conto representa de forma eficiente a importância que o passado assume na vida dos personagens rosianos. Importância que não difere da que assume na vida de qualquer ser humano. A busca pela compreensão do passado é uma constante e, talvez por isso, existam profissionais destinados especificamente a essa tarefa: os historiadores.

Em, “Desenredo”, o personagem principal tenta apagar da própria memória e da memória da comunidade onde habita os acontecimentos sórdidos que marcaram sua vida e utiliza, para essa árdua tarefa, as ferramentas do historiador, mas de forma inversa. Ora, o que o historiador faz é construir a história. Já Joaquim, personagem de Guimarães Rosa, pretende, pelo contrário, desconstruí-la. Assim, utiliza “antipesquisas, acronologia miúda, conversinhas escudadas e remendados testemunhos” (ROSA, 2001: 75) e opera “o passado – plástico e contraditório rascunho” (Idem: ibidem), criando um novo presente e a perspectiva de outro futuro através da transfiguração do passado. Como nos afirma Ginzburg, “a memória e a destruição da memória são elementos recorrentes na história” (GINZBURG, 2007: 230). Assim, é possível afirmar que os personagens de João Guimarães Rosa são inventores de narrativas históricas e encarnam, em seus mundos, papéis semelhantes ao do historiador.

Acredito que em determinadas narrativas de Guimarães Rosa (assim como em determinadas existências humanas), o passado toma papel central na vida dos indivíduos. Vale a pena lembrar que a historiografia, para esses sujeitos, muitas vezes não se apresenta como o único instrumento legítimo de afirmação do real. Pelo contrário, esses atores sociais optam por contar suas próprias histórias e construir suas próprias interpretações do real, mesmo através de demonstrações destituídas de rigor científico, por vezes até contrárias “ao público pensamento e à lógica”. (ROSA, 2001: 74). Isto se dá porque nos personagens de

Rosa, como nos narradores descritos por Walter Benjamin “o relato vindo de longe – quer de paragens estranhas, quer de outros tempos através das tradições – dispunha de uma autoridade que lhe dava credibilidade, mesmo quando não era verificado” (BENJAMIN, 1992: 34).

É necessária, acima de tudo, a reflexão acerca da importância que a memória e o passado assumem não apenas no ofício do historiador, mas na vida dos “leigos”, daqueles que não dominam as técnicas da História e que nem por isso deixam de narrar o passado. Por fim, acredito na possibilidade de um diálogo bastante rico com a literatura como forma de expressão e fonte de compreensão das mais diversas e profundas inquietações humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1992.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BURKE, Peter (org). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CATROGA, Fernando. *Memória e História*. In: PESAVENTO, Sandra Jathay (org). Rio Grande do Sul: Fronteira do Milênio, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

DAHER, Andrea. *Da fabulação controlada*. Memória e história, pp. 5 - 6, 10 out. 1999.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GLÉNISSON, Jean. *Iniciação aos Estudos Históricos*. São Paulo: Difel, 1977.

JENKINS, Keith. *A História Repensada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: Projeto História. São Paulo: PUC, 1993. n.10.

OLIVEIRA, Carlos Eduardo França de. *Narrativa e Conhecimento Histórico: alguns apontamentos*. *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo do Estado*, 15 de outubro de 2006.

PAZ, Octavio. *O Labirinto da Solidão e post scriptum*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

ROSA, João Guimarães. *Estas Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

_____. *Tutaméia (Terceiras Estórias)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 2001.